ANO 3.º LISBOA—SEXTA-FEIRA, 4 DE MAIO DE 1923 N.º 636

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

GRANDES DE HESPANHA

O conde de Romanones

FALA AO "DIARIO DE LISBOA"

da familiariedade dos politicos hespanhois

E DA SUA GRANDE ESTIMA POR PORTUGAL

MADRID, 21 de Abril

A entrevista está marcada ha quinze dias para dia incerto, que afinal é hoje. Três horas. Sim; mal ha tempo para um almoço á pressa e parco, enquanto me entrego a imaginar que figura exacta será essa do Conde de Romanones, grande de Espanha, amigo do Rei, dono consideravel de influencias e dinheiros, ministro de *Gracia e Justicia* e tanto mais. Talvez um desses senhores altivolos e altivos que Velazquez pinta em grandes marcas, soberbos no quadro e fora dele, e parecendo a cada instante entreabrir os labios breves para um circunlóquio cortês; por certo um homem sobranceiro; de fala medida e sabia, que vai dizer maravilhas do meu país, dos seus homens, encantos, virtudes e o resto. Veremos. Do Arenal á Porta do Sol — dois passos. Agora, um carro. E pensando que o descaro é o melhor guia das coisas e o imprevisto a forma melhor do interesse, distraio-me, abro *El Sol* — e aqui, o ceu de Madrid escurece — para em breve relancear a casaria que me recorda Lisboa mais modesta, mas quanto mais clara e mais bela! Esta imaginária madrilena dos palacios, erguidos com força ao ceu — alegorias de Castela nobre e seus simbolos, padrões do espavento e, vamos lá, da graça, algumas vezes — faz-me lembrar e ligar-lhes, agora nos leões negros do Congresso, aqueles animalejos do mesmo talhe em louça, tambem de juba farta e cauda fina, que sobre portões de quinta portuguesa olham de noite as estrelas e dão roçadouro aos cães de guarda. Santo Deus! — Diz-me do lado o companheiro a quem as moles um pouco amolgam, se são de pedra dura — o palacio das Comunicações, isto, aquilo, aqueloutro que vai de guinda magestosa! A Espanha; que grande é a Espanha! Pois sim. Mas ao bolear Neptuno e seu tridente, na Praça para onde vão os brunidos automoveis do Palace, eu volto á leitura do *El Sol*, talvez só reveja o *plus ultra* na gravurinha do jornal, sobre as colunas de Hercules.

Vamos já ver a grande Espanha no seu ministro da Justiça, a Espanha *justa*, constituida, bourbonica, encimada por essa figura, ontem *rey-niño*, de que me lembra o primeiro feito divulgado: um gracioso e calmo sono ouvindo esta cantiga:

Duerme, niño chiquito,
Que vien el coco
Y lleva a los niños
Que duermen poco.

Passeio da Castelhana, 24. Um policia sem cara alguma de Argus diz que é ali. Outro tanto se não pode afirmar do porteiro, que me responde sem argucia mas com um certo sobrecenho:

—*El señor Conde no recibe a los curas más que fuera.*

Expliquei-lhe que era escolar de Coimbra e não pretendia congrua. Isto aliviou o nosso homem e deu-me entrada franca.

Alguns minutos de ante-sala, agora, permitem-me considerar — pois me disseram que

Conde de Romanones

o sr. Conde pousava para um retrato — a tranquilidade e a boa divisão do tempo que conseguem os homens de Estado experientes, ainda aqueles que á semelhança de Romanones estão nas vesperas duma eleição renhida, as paredes da cidade gritando aguerridos nomes de candidatos diversissimos, o governo empenhado em bater os descontentes de Marrocos, os mal-avindos do resto. Amanhã, o Visconde de Eza falará no Ateneu sobre responsabilidades; o ministro da Justiça, pousa. Logo, os socialistas gritarão:

— *Votad en esto!* — que por certo não é o governante.

Entretanto, o Conde concerta o seu jaquetão desprendido. E o pintor pinta.

Esta segurança e confiança provêm, se o que julgo é bem julgado, da familiaridade dos politicos espanhoes com os movimentos das facções esquerdistas, que não governando nunca estorvam sempre, e que representando largamente a modalizada Espanha continuam facilmente abafados pela tradição nacional defendida pelas armas e vestida pelas batinas.

Finalmente, o sr. Conde recebe-me, e não é a grandeza velazquenha porque é uma pessoa meã, de olhar agudo e fino, que Vazquez Diaz está passando á tela com uma intensidade flagrante e um admiravel desenho. O seu trato é da afabilidade que convêm, e sobretudo é natural e aberto como uma janela aberta, dando, contudo, para um interior de moveis resguardados do pó de quem entra e vem de longe. Moveis, sobretudo, a malicia e o cuidado nas referencias que Romanones faz tão amaveis, quanto precisas e sobrias.

Portugal? Sim. Estima Portugal como um espanhol, deveras, e todo o espanhol, em seu dizer, é um amigo do vizinho navegante e um irmão de sangue puro. Que toda a prevenção, cá e lá, deve tornar-se confiança.

Falando num á vontade que cativa, o sr. Conde está agora pousando duplamente: para o pintor e o jornalista. Não o interrompo porque se a sua atitude de modelo é correctissima, o monologo que me interessa é muito bom. Concentrado, entretanto, o desenho.

Está ali, no *sillón* confortavel e amplo, o espanhol formular que tanto deve pensar a respeito da minha patria, e que as conveniencias obrigam a falar escassamente dum Portugal prevenido, alvoroçado ás vezes mas sempre belo vizinho. Tendencias de absorpção... E' lá possivel! Para o Conde, a disposição do xadrês da politica internacional basta a deixar-nos tranquilos. Ele o diz em todos os discursos politicos a respeito. E invoca as fronteiras naturais inexistentes para encarecer estreitamentos, invoca as linguas pares e o mais que sói, fala como eu esperava que falasse, desdizendo os que se alarmam ou precatsm—dizendo a verdade toda?

Eu não quero desacreditar as palavras de um grande de Espanha e ministro. O conde de Romanones é amigo de Portugal, é mesmo o presidente dos *Amigos de Portugal* nesta côrte. Mas quanto mais amigo ele seria se não fosse assim para todos e eu o ouvisse nas horas estranhas ao *ofício*, com aquele mesmo à-vontade de gestos ás suas palavras extensivo, a movel malicia sem resguardo, Entretanto, s. ex.ª afirma a isenção completa de Espanha perante as coisas portuguesas, a simpatia com que acolhe os governos que sobem e descem ao poder, sejam conservadores ou radicais, e até a neutralidade em face das mudanças de regime, quantas e tais nós quizermos. Isto, de resto, é o dever primeiro de uma nação que tem á outra por tal, mas na boca do ministro e neste instante dos receios é conveniente que por excesso se declare.

— *Aúnque imperio, se lo quieren...* — diz o Conde.

E enquanto o ministro se esforça para lembrar o nome do primeiro plenipotenciario que a Republica Portuguesa ao governo espanhol mandou, visiono eu esse imperio lusitano que a fantasia do politico ante-reconhece, no desejo louvavel de desquitar o seu país das precauções portuguesas. Sim. E tão desinteressadas eram as hipoteses de regimes portugueses que Romanones construía, que por um nada lhe não aventei um *sóviet* nosso possivel, largo, do Algarve até ao Minho, levantando a sua bandeira vermelha frente aos chapeus napoleonicos da Guarda Civil de Tuy... Contive-me. Ia tardando, no entanto, e o sol de Madrid na Castelhana andava pondo tapetes; chegando-se ás largas janelas viam-se as *afueras* recuando; os camartelos dos pedreiros carcomiam na pedra dos edificios; depois, pousando-os, os operarios corriam aos circulos a compor programas, eleições á porta:

—*Votad en este!*

Já eu lera cartazes falando na Espanha livre, no povo livre, nos que trabalham por livrar-se.

O silencio em que correu o meu divagar concentrado encheu-o o Conde baixando a cabeça um pouco, lentamente voltando o seu bigode nacional e dando baile aos olhos duma viveza argutissima, para depois me tornar:

—Esse que se chama Afonso e está em Paris. Meu amigo. Costa... Afonso Costa.

O sr. Bernardino Machado, tambem. Quanto aos *Amigos de Portugal*, iam ter sede. Ele interessava-se muito.

* * *

Despedi-me, que o sr. Conde estivera doente e a politica eleitoral devia exigi-lo por força. Já essa manhã o ministro da Instrução, Salvatella, se desculpara da ausencia de não sei quem que preparava a vitoria dos candidatos do governo, perante os professores de Coimbra e os estudantes que o saudaram. E foi já percorrendo os alfarrabistas do Prado á cata de um Cervantes em conta, que eu, despreocupadamente, ouvi de Quixote eleitoral, ou Quixote encarnado num pintor de malas-artes, desdobrado em violinista. Este é um homem estranho que num café dos *barrios bajos* fez um comicio unico e formidavel de *broma*, por um partido novo—o partido Epico-Estético.

Não encontrei a edição mas compensou-me a noticia.

Vitorino Nemésio

A Opera

O maestro Aldo Zeetti

Têm passado pela regencia da orquestra do Coliseu individualidades de categoria. Citarei, entre outros, o grande compositor Saint-Saëns, já decrepito, que veiu dirigir a Lisboa o seu «Samsão e Dalila» e outra opera, cujo nome não me ocorre neste momento, e que, se bem me recordo, não adquiriu as simpatias do publico. Mas, entre tantos directores de orquestra que tenho visto erguer a sua batuta na magestosa sala de espectaculos, o maestro cav. Aldo Zeetti, merece um logar de destaque; pela sua sciencia artistica, a sua distinção profissional na arte dificil e complicada de que ele conhece os mais intimos segredos. Não falei com Zeetti para lhe preguntar donde viera, quais os teatros onde tem sido regente. Tão pouco indaguei da sua idade nem da sua vida. E' um acto espontaneo da minha vontade e da minha admiração este artigo que acompanha o seu retrato. Alto, esguio, com a sua cabeleira revolta e romantica, e o seu gesto quasi instintivo de atirar para a nuca uma madeixa rebelde, Zeetti foi acolhido—e eu mesmo pequei dessa frieza—com certa reserva por parte do publico. Estavamos habituados a grandes e estudadas atitudes, a poses mais ou menos pantafaçudas; e Zeetti apresenta-se com

Maestro Aldo Zeetti

uma modestia recolhida, propria de grandes artistas. Mas á medida que o temos visto no trabalho, com a sua batuta firme de que dependem todos os movimentos da orquestra, dos artistas e dos coros; á medida que iamos vendo mais atentamente, detalhando com maior minucia, todas as perfeições da sua execução, todos nós—e digo nós porque tenho palpitado as sensações do publico—chegamos á convicção de que está ali, naquele logar, um grande director de orquestra, Aldo Zeetti, que não tem nada que me agradecer pelas verdades que afirmo, é hoje, sem contestação, uma das primeiras figuras no seu genero que a Italia, mãe de todas as artes, nos envia, e que merece, por isso, a nossa maior simpatia. Eu devo-lhe horas de um inefavel prazer espiritual e não quero, portanto, deixar passar em silencio, que seria um crime da minha parte, o seu nome, apontando-o como um modelo de elegancia artistica e de uma perfeita egualdade de execução. E não lhes levo nada pelo que digo—que é a expressão sincera da minha grande admiração pelo seu talento.

"Ernani"

Foi um serão de arte magnifico, o de ontem, no Coliseu. Apresentava-se ao publico de Lisboa, pela primeira vez, o notavel baritano Enrico de Franceschi, que vinha precedido de grande fama nos principais teatros liricos da Italia. Não nos enganaram as noticias dos jornais italianos. De Franceschi possui uma voz cheia, agradavel, e sabe, sobretudo, cantar com inteligencia e arte. O auditorio, ao principio um pouco reservado, foi aquecendo, de modo que no duo com Elvira, mas principalmente na romanza e no concertante final do 3.º acto, explodiu em aplausos delirantes, bisando este ultimo e aclamando o notavel artista. Compartilhou das ovações, sendo chamado varias vezes ao proscenio, o ilustre maestro Aldo Zeetti que de dia para dia confirma os seus creditos de eximio director de orquestra, das melhores que teem vindo a Portugal. Não é dificil profecia dizer que ainda veremos Zeetti reger em S. Carlos, num futuro que não virá muito longe.

E agora deixem-me referir-lhes a impressão que me causou o baixo Tancredo Pasero, para quem foram em grande parte as honras da noite. E' um artista admiravel que fará uma carreira rapida e esplendida. Logo no andante «Infelice e tuo crederi...» que rematou com uma cadencia brilhantissima, o publico compreendeu que tinha diante de si um cantor de raça. No trio final foi magnifico. Do tenor Chiaia só tenho que dizer bem. A aria do 1.º acto «Come negiada al cespite» foi cantada com veemencia e expressão. Chiaia é um valioso elemento da companhia e evidenciou ontem todos os seus notaveis conceitos artisticos. A sr.ª Inês Lombardi, estava visivelmente incomodada, não podendo, por isso, dar á parte de «Elvira» toda a intensidade e vibração dramatica que o papel requer. Coisa passageira que em nada desmerece o valor da sr.ª Lombardi como soprano de voz potente, afirmado já com tanto brilho na «Aida» e na «Cavalleria». Os restantes interpretes do «Ernani» excelentes.

J. S.

EXPERIMENTEM O VINHO
"CARTAXAS"

TAUROMAQUIA

A corrida de ontem

A ALTERNATIVA

de Antonio Luíz Lopes

Reveste actualmente uma excepcional importancia o facto duma entidade em destaque na sociedade, ou um amador como Antonio Luís Lopes, seguir o profissionalismo. E porquê? Porque desde ha longos anos que tal se não fazia, e só na época passada deram o exemplo Simão da Veiga, pai e filho.

Acaso deshonraram com isso o seu nome? Estamos certos de que não. A Antonio Luís Lopes acontecerá o mesmo. E são estes e outros que de futuro hão de vir—cavaleiros e bandarilheiros—que têm a obrigação restrita de, com a sua arte, modernisar o toureio, como em Espanha se fez e levantar a tauromaquia nacional.

Mas não basta enriquecer a arte de Marialva, como actualmente está acontecendo. E' necessario que á Arte de Montes seja prestada toda a atenção e se enriqueça tambem com novos e valiosos elementos; porque, senão, quando desaparecer essa pleiade de artistas que tiveram inumeras tardes de gloria, mas em quem as cans já são em grande numero, e as faculdades faltam a olhos vistos, como não ha quem prepare os toiros ou os bandarilhe, corre-se o risco de vêr acabar o toureio a pé...

* * *

Passamos a descrever resumidamente o que foi a 3.ª corrida, destinada á alternativa de João Bento Nuncio, e que, por um caso anormal, antecipou a alternativa de Antonio Luis Lopes.

A corrida não foi má, mas mediana; teve, como quasi todas elas, um ou outro episodio que despertou entusiasmo nos espectadores.

A praça quasi cheia.

Toiros, oito, dois do sr. Frederico Borracho e seis da Sociedade Ribatejana, actual possuidora do ferro A. L. Lopes.

Os dois primeiros, de boas carnes e um tanto deficeis, os restantes muito igualados em corpos e dando lide, mas saltadores exceptuando o 5.º que saiu bravo.

Cavaleiros Simão da Veiga, pai e filho, e Antonio Luis Lopes. A Antonio Luis Lopes couberam o 1.º e o 7.º de F. Borracho.

Recebida a alternativa, dada por Simão pai, inicia o novel proficional a sua tarefa no listão n.º 51. Faz uma saida falsa, seguida de pequena recarga, a que um capotazo evita o perigo, preparando-se o artista em sorte para sangrar o inimigo, o que não consegue por errar o braço, embora partindo a farpa. Com conhecimento da arte que professa, cita de cara, para cravar o 2.º ferro, rematando bem, O 3.º ferro é colocado á meia volta, tendo a montada tocada. Depois duma excelente preparação de terrenos, executa duas saidas falsas, coloca o mesmo ferro á meia volta. Chamada e «vuelta al ruedo».

No 7.º, negro, baixel direito, confirma o conhecimento da arte. Citou e preparou terrenos admiravelmente, e lamentamos que nas duas sortes citadas pela esquerda em que não conseguiu pinchar, tal tivesse acontecido, por o touro não terminar até final a viagem. Cravou depois quatro ferros compridos, citando de cara em varios terrenos, rematando dois nessa sorte e dois á meia volta, com três toques na montada. Com os curtos, teve um pescanço sem sangrar, terminando com um excelente curto á meia volta.

As nossas impressões: Bom calção e conhecedor da arte de Marialva. Bem vestido e bem montado. No 1.º touro, alegrando bastante a lide; no 2.º esteve de viseira caída, tornando o seu trabalho monotono. Não deve estender, atravessar nem levantar os ferros á altura da cabeça quer em sentido horisontal ou vertical. Causa mau efeito. Deve conserva-los sempre perpendiculares ao estribo e á altura do peito. Não queremos dizer com isto que o não saiba. Longe de nós tal pensamento. Menos saídas falsas.

A'parte estes e outros pequeninos nadas, desculpaveis num dia de alternativa, e dois touros embora puros mas dificeis, aplaudimo-lo. Continue que o seu cartel está feito.

Coube o 3.º a Veiga (filho). Deu lide razoavel, instado pela boa vontade do artista. O primeiro ferro de poder a poder que colocou, foi simplesmente primoroso. Dos dois restantes, o ultimo citado pela esquerda não desagradou. No curto com que fechou a lide, achámos deficiente o trabalho, não por ser á meia volta, nem mal colocado, mas pelos terrenos que deu. Veiga Junior tem bons recursos. Deve aproveitá-los e não despachá-los. O 4.º foi para Simão (pai). Não poude este artista, como noutras vezes, tirar partido do touro, apesar dos seus grandes conhecimentos da arte. Luciano despertou este animal com um par, depois duma saída em falso, colocando depois de recolher o cavaleiro, um par de frente, bom.

O 5.º, farpeado a duo por Simão da Veiga pai e filho, foi o touro mais bravo da corrida. Confessamos não nos ter agradado este trabalho. Especializar o que cada um fez, é sempre dificil nestas condições.

O 2.º foi bandarilhado a trio, pelos amadores Artur Ribeiro e irmãos Gonçalves. O 1.º cravou de alto a baixo um bom par, que registamos como dos melhores, e Rafael e Francisco dois bons quarteios cada um. Ainda estes dois ultimos amadores sairam para o 8.º. Rafael pinchou um par de relance ressalto e outro a sesgo muito bons, e Francisco um par de poder superior.

Ao espada «Angelillo» saiu o 6.º. Não esteve nas tardes de felicidade. A'parte uns lances de capote cingidos e umas veronicas, um bom par de bandarilhas de frente e uma colhida, nada mais vimos. Pareceu-nos doente.

Os forcados pegaram de cara o 2.º e 6.º, resultando rijas e bem ajudadas as pegas, especialmente a de Burrico no 2.º. As de volta sem valor.

Bregando, Alfarero, Tomé e Teodoro.

João B. Nuncio dirigiu acertadamente.

A musica que abrilhanta a corrida continua com o reportorio de marchas funebres.

Aviso aos directores das corridas: Não consintam 4 e 5 capotes na arena. Não é proprio de boa camaradagem, quando os artistas estão vendo touros de palanque, censurar ou ensinar o colega que está toureando.

El Rodriguito

Rêve de Ninon
ABERTURA DE ESTAÇAO
Exposição de chapeus e vestidos recemchegados de Paris
Os ateliers d'esta casa são dirigidos por uma habil prémière franceza
P. dos Restauradores, 65, 1.º—Telefone N. 2617

Mundanismo

Aniversario

Faz ámanhã dose anos a menina Maria Flavia Correia Leite d'Eça Leal, filha da sr.ª D. Flavia Guimarães Correia Leite e do nosso amigo e colaborador sr. Tomaz d'Eça Leal.

Casamentos

Foi pedida em casamento pela sr.ª D. Maria São Boaventura, esposa do sr. comendador São Boaventura, para seu filho Augusto, a sr.ª D. Judite Noronha Barros, gentil filha do sr. Horacio de Noronha Barros, desditoso comandante do «Pero de Alemquer» e sobrinha do sr. Alberto de Noronha Barros.

O casamento realiza-se por todo este ano.

Nos salões

Na tarde de quinta-feira passada os srs. marqueses de Dragonetti de Torres, que se encontram ha tempo em Lisboa, hospedados no Avenida Palace, ofereceram um esplendido «chá» a varias pessoas das suas relações.

Durante a tarde, além de animada conversação, dançou-se sem interrupção até perto das cito horas, ao som do eximio quarteto do hotel.

Na assistencia notavam-se:

Madame Cardoso de Oliveira e filhas; condessa de Planas Suarez, madame Padilla e filha; madame Bonin, madame Arce, madame Koren, duquesa de Miranda, marquesa de Sousa Holstein, condessas da Borralha, da Figueira, da Ponte e de Santar, viscondessas de Maiorca e de Riba Tamega, baroneza de Sant George de Kantzew, D. Maria Tereza de Ornelas, D. Sára da Mota Vieira Marques, D. Suzana Garcia Sagastume, madame Labra Carvajal, D. Maria Ana Portocarrero da Camara Mesquita e filhas; D. Maria de Lancastre Van-Zeller, D. Maria Madalena de Trigueiros Martel de Patricio, D. Eliza Baptista de Sousa Pedroso, D. Maria da Conceição Pinto de Moraes Sarmento Cohen e filha; madame Lagercrantz, D. Luiza Pedroso Possolo de Sousa, D. Alexandra Macry Nobre de Melo, D. Maria de Castel Branco Arantes, D. Maria Augusta de Vasconcelos e Sá Guerreira Nuno e filhas; D. Maria Tereza de Lima Mayer de Magalhães, D. Suzana Garcia Sagastume, de La Cuesta, D. Beatriz Benjamim Pinto de Vasconcelos Gonçalves, D. Maria Augusta de Sampaio Forjaz Trigueiros, D. Albertina Walden Supardo, D. Maria de La Grandier de Noronha, D. Maria Rufina Abreu Baptista, D. Maria da Assunção Possolo Pellen, D. Carolina de Vasconcelos e Sá, D. Maria da Conceição de Abreu Baptista, D. Maria de Cantillo e irmã; D. Maria de Arenas de Lima Pereira d'Eça e filha; D. Cristina Rezende da Silva, D. Helena da Silveira de Vasconcelos e Sousa (Castelo Melhor), D. Laura Moraes de Carvalho, D. Maria Francisca de Castro (Nova Goa), D. Maria Luiza de Macedo, mademoiselle Machado Berquó etc., etc.

E os srs.:

Conde Planas Suarez, A. Koren, Nicolá Macario, Denaint, Alvarez de la Mera, dr. Macedo Soares, R. Skilstac, Duque de Miranda, Marqueses de Belas e de Ponte de Lima, Condes da Figueira, de Sant'lago e de Nova Goa, Visconde de Maiorca, conselheiro Francisco Patricio, dr. Alvaro Moraes de Carvalho, dr. Martinho Nobre de Melo, dr. José de Arruela Ferreira, Ramiro de Magalhães, dr. Rodrigo Ayres, D. Antonio de Noronha, Luiz Trigueiros, D. Francisco Labra Carvajal, D. Luiz de Sommer Saldanha Bandeira, D. Vasco Luiz de Castro (Nova Goa), D. Antonio Burnay de Melo Breyner (Mafra), Duarte Burnay Soares Cardoso (Marco), Narciso de Sousa Freire de Andrade, André Walden Supardo, Aires de Mascarenhas Valdez Pinto da Cunha, Francisco de Trigueiros Martel Patricio, dr. Tito Arantes, Manuel Baptista de Sousa Pedroso, Eduardo Maldonado Pellen, Anselmo da Cunha Barbosa Sotto Maior, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc., etc

Os srs. Marqueses de Dragonetti de Torres e seus tios os srs. Viscondes de Silvares foram incansaveis de amabilidade para com os seus convidados que se retiraram gratissimos com os deliciosos momentos que lhes proporcionaram.

Recitas elegantes

No Politeama

Assistencia elegante á ultima recita da companhia da actiz franceza Cécile Sorel:

Madame Fiscovitch, madame Pondal, condessas de S. Lourenço, de Alto Mearim, de Santar, de Calhariz de Bemfica, de Seisal, de Valenças, de Carnide e de Quintela, D. Conceição Casal Ribeiro Ulrich, D. Helena Garcez Ferreira Pinho Basto, D. Ludovina Viana Pinto Coelho, D. Flora Fernandes Tomaz de Sousa Rodrigues, D. Carlota de Serpa Pinto Santos Moreira, D. Maria Luiza Roque do Pinto de Oliveira Monteiro, D. Lezia Patricio de Fratel, D. Isabel de Ortigão Ramos Jorge, D. Maria José Ortigão Burnay Gusmão de Moura, D. Maria Isabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha (Carnide), D. Virginia Elza de Abreu Franco (Restelo), D. Maria Emilia Bourbon de Castro, D. Maria Tereza Pressler Pinheiro Chagas, D. Leonor Manoel (Atalaia), D. Mariana Correia de Sampaio de Seabra, D. Maria Isabel Ortigão Burnay Belo, D. Ana Moreira de Carvalho, D. Sofia Laxmann Ferreira Pinto Basto Mac-Nicoll, D. Rita Correia de Sampaio de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), D. Vera Ferreira Pinto Basto Ribeiro da Cunha, D. Laura Reis Ferreira, D. Maria Tereza Machado Ferreira, D. Virginia Duff Burnay Pinto, D. Rita de Sommer Pereira, D. Berta de Sommer Viana, D. Maria da Graça Iglezias Viana, D. Maria Folque Souto, D. Adelaide Bramão, D. Judith Maia de Carvalho.

D. Lida Maia Cabeça, D. Maria das Mercês Bianchi Plantier, D. Beatriz Consigliere Pedroso de Lima, D. Maria Tereza Ferreira da Silva, D. Catarina Cordeiro, D. Maria Pinheiro Malheiro-Reimão, D. Margarida Teles da Silva Roque de Pinho, D. Maria Rosalina Viana Pinto Coelho, D. Maria Natalia Leça da Veiga Pinto Coelho, D. Carlota de Almeida Centeno Gorjão Henriques, D. Leonor Gorjão de Melo Lapa (Vila Nova de Ourem), D. Helena Gandan Duff Burnay, D. Maria Ludovina Roquete Soares de Albergaria Diniz, D. Maria Julieta Roquete Ricciardi, D. Bela James Esteves da Fonseca, D. Antonia Taborda Couto Bandeira de Melo, D. Henriqueta Alves de Carvalho Simões Ferreira, D. Maria Carolina Alves de Carvalho Pereira de Carvalho, D. Aida Mourão Aires de Magalhães, D. Alix Maury de Melo (Sabugosa), D. Gabriela Bandeira de Melo Lopes, D. Beatriz Loureiro Espirito Santo Lima, D. Palmira da Costa e Silva, D. Maria Julieta da Costa e Silva Neves Ferreira, D. Maria Eliza de Abreu Franco Sotto Maior, D. Margarida Lorjó Tavares, D. Julia de Abreu, D. Izaura Guedes de Vasconcelos, madame Alexandre de Azevedo, D. Maria da Gloria Judice de Magalhães de Barros, D. Elizabeth Pressler, D. Maria Margarida e D. Berta Pocariça da Costa Freire, D. Maria do Carmo Prostes da Fonseca de Andrade, D. Maria Tereza Galvão de Sá Ferreira Sotto Mayor, D. Luiza Maria Salema Avillez, D. Maria Adelaide Salema Rolin, D. Gabriela Roquete Rebelo de Andrade, D. Adelia e D. Eulalia Pereira, etc., etc.

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES
Monitor da clinica de Necker—Paris
RINS e vias urinarias. Venereologia e sifilis.
T. N. de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 h. Telef. 5205-N.

Nacional Tel. N. 3049
Hoje—Ás 21,30
BRILHANTE SUCESSO—A representação da comédia, em 3 actos, original de Afonso Gaio
Farça do Ciume
notavel conjunto de desempenho
Espectaculo graciosissimo-Exito notavel
A recita do actor-socictario Auguste Melo fica transferida para a proxima semana.

HOJE
A PRIMA INGLESA
A opereta de maior exito da actualidade
no São Luiz
AUZENDA DE OLIVEIRA na protagonista
Segunda-feira, 7—Recita de Luiz Mendes, camarteiro deste teatro—Ultima representação da celebre opereta A LEITEIRA D'ENTRE ARROIOS—Bilhetes á venda

TEATRO APOLO Telef. N.º 4129
COMPANHIA JOSÉ RICARDO
de que tambem fazem parte
Eduardo Brazão-Maria Matos-Ilda Stichini
HOJE—Continuam as enchentes
Notavel exito de desempenho
A Força do Mal
Orig. de Liñares Rivas, trad. de João Scier
30 H. P.
Orig. de Leitão de Barros
Vibrante entusiasmo
Duas peças lindissimas de enorme agrado
Bilhetes á venda para toda a semana

EDEN-TEATRO
TELEFONE 3800 NORTE
2—ESPECTACULOS—2 ás 8 1/2 e 10 1/2
1.as recitas da moda dedicadas á distinta Sociedade Elegante com a revista de grande exito, original de Ernesto Rodrigues, João Bastos e Felix Bermudes
DE CAPOTE E LENÇO
Graça e fina critica, podendo ser cuvida por todos — Musica deliciosa
PREÇOS: Camarote, 20$00; Balcão, 5$00; Fauteuils, 4$50.

PROVEM TODOS OS NOVOS
REBUÇADOS DE FRUCTA
ALIANÇA
FABRICADOS NAS SUAS NOVAS INSTALAÇÕES POR PESSOAL SUISSO, SÃO
SUPERIORES AOS EXTRANGEIROS

VITAMINA
FERMENTOS INDISPENSÁVEIS Á VIDA
ALIMENTO BIOLÓGICO COMPLETO
SÓROS DO PROF. MARAGLIANO
TRATAMENTO DA TUBERCULOSE
LIPOVINA IBYS
ACÇÃO TONICA EVIDENTE
MELHORADORA DA NUTRIÇÃO GERAL
SÓROS e VACINAS
INSTRUMENTOS CIRURGICOS — ANALISES
ESTABELECIMENTOS **ÁLVARO CAMPOS**
Sede: 103, L. Duas Igrejas—Lisboa
Filial: 90, R. Sá da Bandeira—Porto

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO 74

Artigos alemães
Ferragens — Cutelarias — Quinquilharias
CUNHA LIMITADA
Rua dos Fanqueiros, 30, 2.º

EPISTOLARIO

O POETA

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

discorre

sobre a recitação de versos

Conheci pessoalmente o grande poeta em 1869, no ano em ele caminhava para os 70 e eu tinha então 20. Viera, acompanhado de seu filho Eugenio, passar uns dias a Mogofores, de visita a duas respeitaveis senhoras, suas parentas afastadas, irmãs de D. José Xavier Cerveira e Sousa, que foi bispo do Funchal, de Beja e de Viseu, falecido na sua casa de Mogofores em 15 de Março de 1862, e sepultado na capela-mór da igreja desta freguesia, onde sobre a sua modesta campa estão gravados os dizeres dos serviços e honras da sua vida episcopal.

Eu, que já devera a Castilho uma carta acariciadora, de incitamento como ele o sabia dar aos que começavam a mourejar nas letras, a proposito dum folhetim que escrevi sobre o poema *Uma primavera de mulher*, de D. Maria Amalia, e que fôra publicado na *Gazeta de Portugal*, grande diario que fez epoca em Lisboa, redigido por esse notavel escritor, que se chamou Antonio Augusto Teixeira de Vasconcelos — ao saber que o poeta se achava em Mogofores, senti-me desvanecido e feliz, por se me porporcionar ensejo de conviver uns dias com o grande espirito daquele ceguinho, cujos dotes intelectuais tanta luz deram ás letras patrias, e tão alto ergueram os vôos do seu estro privilegiado.

Davamos curtos passeios pela aldeia, e falavamos da vida do campo, da poesia, do periodo romantico de 30. Dizia-lhe alguns versos, e lembra-me que um dia lhe recitei o «Futuro», que ele desconhecia, de Eduardo Augusto Vidal, a esse tempo 1.º ou 2.º oficial da Alfandega de Lisboa, que escrevia folhetins semanais no *Diario Popular*, de Mariano de Carvalho, e que se revelára poeta em composições diversas, mais tarde reunidas em volume, com o titulo, se bem me recordo — de *Flores Secas*.

A carta que vai ler-se, refere-se á estada do poeta em Mogofores, e dá uma lição de mestre ao discipulo ignorante, que muito se ufana de poder ainda hoje — aos 75 anos — erguer uma sentida homenagem de saudade e respeito á memoria do glorioso poeta das *Cartas de Eco* e *Narciso*, e do *Amor* e *Melancolia*, deliciosos versos que ha 89 anos lhe valeram os amores do seu primeiro e pouco duradouro casamento...

Albano Coutinho

Ex.mo confrade e am.º Snr Albano Coutinho

Recebo com a devida gratidão a sua amavel carta, acompanhando o numero do *Tribuno Popular*, que me vem mimoseando com um elegante e affectuoso artigo de V. Ex.cia ácerca da minha estada n'essa boa terra.

O que é certo é eu ter trazido de lá bem vivas saudades e bem devidas.

As terras pequeninas como essa e escassas de divertimentos, offerecem em compensação a paz e os bemditos ocios, em que podem crescer á vontade e á farta, longe das invejas, os merecimentos literarios. Cosa-se de vantagens tão apeteciveis, e já que tão prodiga o prendeu a Natureza, cultive seriamente a sua herdade intellectual, que tão auspiciosa está ja viçando.

Quanto á maneira de reciter os versos, assumpto em que apenas encetámos conversação, e que decerto é muito mais importante, do que á primeira vista parece, muito se poderia escrever, se não fallecesse o tempo; n'isto me resumo: que a poesia nem deve ser cantarolada nem resada como a prosa. A affectação estraga-a, o desleixo não menos a destroe: quer-se uma ajustada concordancia entre o tom natural de cada frase e a melodia de cada verso e de cada hemistichio, medlania essa com que só bem se cáe a poder de analyse, de tentativas e de perseverança.

E' uma arte dificil em que não há remedio senão ser cada qual o seu proprio mestre.

Conheço muito maior numero de bons poetas que de sofriveis recitadores. Aqui a Syila e a Caribedes são a emphase por uma parte e por outra a incuria. Versos não são cantochão nem palria de senhoras visinhas: hão de sahir na voz com toda a possivel naturalidade, sem se lhes escurecer a harmonia, sem a qual não seriam versos, mas ao mesmo tempo hade esta harmonia ser modesta, desambiciosa, deixar-se mais perceber ou quasi adivinhar, do que inculcar-se ou intimar-se.

Rumine V. Ex.cia lá isto, e se Deus o fadou, como eu desejo e quero crer, para vir a ser um bom recitador, quer-me parecer que nas poucas palavras que deixo ditas está o bastante para lhe indicar o bom caminho. Bem entendido, que antes de tudo é indispensavel possuir perfeitamente a theoria, a pratica e a facilidade da metrificação.

Queira V. Ex.cia apresentar os meus cumprimentos a toda a sua familia e acreditar em que sou muito deveras

De V. Ex.cia

Confrade e am.º obg.dissimo

A. Castilho

Lx.ª 26 de Julho de 1869.

SOUZA, MOURA & C.A, L.DA
Telefone C. 3031 — End. Tel. «SOURA»
CASA BANCÁRIA
103, RUA AUREA, 105
LISBOA
COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CRÉDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAIS E ESTRANGEIRO. DEPOSITOS Á ORDEM E A PRAZO. TODAS AS TRANSACÇÕES BANCARIAS

S. CARLOS Telef. C. 5063
COMPANHIA PALMIRA BASTOS
HOJE: Festa artistica de HENRIQUE DE ALBUQUERQUE que interpreta o papel de *Nizerolles* na delicada comedia
MARIONETTES
A *Marqueza de Montelars* por
Palmira Bastos
Noite de entusiasmo
Ámanhã:
A SEVERA

POLITEAMA
EMPREZA LUÍS PEREIRA
Telefone 3028 N. A's 21,30
Companhia REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
Recita do camaroteiro Bernardino Soares
Unica representação
MARIANELA
admiravel trabalho de Amelia Rey Colaço
Bilhetes á venda
Amanhã:
AS FLORES

TEATRO AVENIDA
— COMPANHIA AURA ABRANCHES —
HOJE—1.ª representação
A comedia em 3 actos de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa
O HOMEM DA CAPA PRETA
Os felizes autores da farça
«Cama, Meza e Roupa Lavada»

A VENDA
—o—
Presidente de Republica
Por REINALDO FERREIRA
NOVELA SUCESSO — N.º 10 — Preço — 1 ESCUDO
Redacção
RUA DIARIO DE NOTICIAS, 145, 2.º

Elvira de Hidalgo

Despede-se ámanhã do publico no Coliseu dos Recreios a eminente diva mundial

Faz ámanhã a sua ultima, definitiva e irrevogavel apresentação no Coliseu dos Recreios o celebre soprano ligeiro Elvira de Hidalgo que, tendo conseguido da Empresa do Teatro de Opera de Paris, para onde está contratada, a demora de dois dias em Lisboa que terminam ámanhã, cantará no Coliseu dos Recreios, juntamente com o notabilissimo baritono Franceschi, a magnifica opera «Barbeiro de Sevilha», que é uma das suas corôas de gloria e em que a celebre artista tem a sua mais genial criação. Franceschi, por seu turno, tem tambem nesta opera um admiravel trabalho que nos principais teatros liricos do estrangeiro tem sido ovacionadissimo e que muito contribuiu para a celebridade que o notavel e corretissimo artista criou.

Não tornará, portanto, a dar-se em Lisboa um «Barbeiro de Sevilha» como o de ámanhá, a que não devem faltar os amadores da bela arte.

Hoje representa-se, pela primeira vez nesta temporada, a magnifica opera «Fausto», cuja protagonista é desempenhada pela notavel cantora portuguesa Manoela Pinto Basto.

QUERE CEIAR BEM?
VÁ AO RESTAURANT
VALMOR
aberto toda a noite
NAO SE ESQUEÇA, HEIN

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Lisboa de noite

Lisboa apocaliptica, de casas grifadas, truncadas, onde as ruas são veias de fogo e as praças deixam escapar clarões de forjas, cidade cortezã que a manhã pinta, olhos de aguarela, hombros cansados de estatua pelos jardins, — é agora, nesta hora panica da noite, um corpo jacente, nua ao luar...

Não dormes, não sonhas, não rezas, porque sofres. Alongam-se os desfiladeiros; ha muros de hospitais, humanos como rostos, onde o destino inscreve mil nomes que a morte apaga e a vida renova.

A esta hora corpos de pecado, dormem ao acaso, bocas cravadas, sofrendo o cruel sabor dos beijos.

E a cidade, cerebro ardente, circumvalações onde correm corpusculos de sangue, vibriões, larvas, imperatriz da miseria, deusa da fome que mata os seus conquistadores, pontuações de luz, garatujas de arvoredos, fontes a chorar na noite, afundada, sossobrada nas ondas do seu casario, esmigalhada nas suas setes colinas, é fantastica e lacoontica camo um inferno, onde os mortos ressurgissem, tomando o caminho dos vivos.

E' invencivel! E' grande!

No entanto, um só homem a domina— aquele que a adivinha e a surpreende, no fundo da noite, ouvindo o seu proprio coração, cidade tão grande como esta, tumultuosa de gritos, enlouquecida de crimes.—A. P.

Bebam o vinho AMARANTE
(Lago Cerqueira)
Pedidos: Rua de S. Paulo, n.º 20, 2.º esq.
Telefone: C. 114

CAMBIOS

DIA 4

	Comprador	Vendedor
Londres, cheque	2 9|32	2 17|64
» 90 dias	2 19|64	—
Paris	1$510	1$530
Berlim	1|2	3|4
Holanda	8$880	8$950
Madrid	3$460	3$485
Bruxelas	1$310	1$330
Roma	1$110	1$120
Suiça	4$100	4$130
Suecia	—	—
Noruega	—	—
Dinamarca	—	—
Nova-York	22$700	22$900
Brasil	—	—
Rio Londres	5 17|32	—
Libra esterlina	108$000	111$000
Agio do ouro	2$250	2$350

FILOMENA ADELAIDE FERNANDES
FALECEU

Alvaro de Almeida Garcez, Elvira da Conceição Dias e seu marido, Raul de Almeida Garcez e Cacilda Fernandes cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações e amizade o falecimento de sua muito querida mãe e sogra Filomena Adelaide Garcez, cujo funeral se realiza ámanhã, 5 do corrente, pelas 15 horas, saindo da rua da Oliveirinha, n.º 64, 2.º; a Santa Marinha, para o Cemiterio Oriental. Não se fazem convites especiais devido ao estado de consternação em que se encontram.

Os serviços funebres estão a cargo do Agente Mario Milheiro, rua dos Anjos, 117.

A' HORA DA VISITA

A consulta
das mulheres
no Hospital do Desterro

A sala é fria, regelada, como se todas as dores que por ali têm passado lhe tivessem espancado o sol, varrido a luz, escorraçado a alegria.

Duas marquezas ao fundo; duas bancas de medicos, o cortejo dos doentes vazado pela porta da sala de espera; uma *vitrine* com bisturis, pequeninos aços azuis polidos pelo retalhar continuo da carne humana, remedios, nomes: Trepol, Benzoato, numeros... Já sabem onde estamos? No Hospital do Desterro. Consulta das mulheres, ás 10 horas.

Passa ali tudo quanto o amor maculou. Cortejo triste, esfarrapado, a dôr no abcedario de trinta rostos; feridas e mais feridas.— terivel mal da avariose que faz desta cidade uma chaga infernal sem cauterio, hospital sem paredes.

O que choca nestas mulheres a par da beleza sorvada, heritanas, morfeas, lepras, pustulas, onde o carnicão esvurma e a baba do puz é um dejecto constante, bafo morno de sargenta, são os seus olhares.

A mirada é triste, apagada, vencida, sem luz, morrão bruxoleante, cheio de cansaço e de carinho, suavissimo de piedade como se a alma, o orgulho e a vida apaziguassem as chamas na longa contemplação do incendio da carne em ferida.

Para um pobre ainda ha esperança; para uma doente vulgar ainda ha uma convalescença; para uma mulher gripada em sua beleza, cuspida de materia—só ha a morte. Por isso o olhar daquelas criaturas, onde a piedade é profunda, lagrima em essencia na pupila magoada a beijar a podridão do amor que a primavera trás quando ha flôres e gargalhadas de sol, renuncia de vida, renuncia de sonho, renuncia de beleza, tem o perdão, a grandeza e a agua forte de todos os sofrimentos, os maiores, os mais crueis.

A'quela consulta vai parar tudo; é centro de todas as ruas tombabilhos da cidade, epilogo de novelas, cujas paginas são sangue.

As mulheres, as antigas na consulta, deitam-se na *marqueza*, sem rebuço. Os medicos que são os srs. drs. Antonio de Carvalho e Melo Breyner, blusas brancas, um pouco de alegria nas faces a animar os doentes, vão vendo, receitando. *Cefalea; colar de venus; avaria, secundaria, terciaria, ámanhã, uma injeção; tome isto e venha cá depois*—dizem.

Agora é um corpo desnudado, chicoteado de sangue, peonias ardentes no peito, fragil envolucro seco e mirrado, aberto em feridas que beijaram as roupas, que eles observam. A mulher chora, pregunta se há só medicos na sala, deita a cabeça no rolo de oleado da *marqueza*, arrepela-se, bôca presa de soluços de ser assim vista a toda a luz do sol, na sua imensa miseria.

E outra mulher:

Uma perna nua, chaga sem recorte que se alarga e sobe, fonte de púz verde que goteja, sangue humido, botões de feridas. A todas a cefaleia moe, quebra, esmigalha o craneo. Mais mulheres, mais feridas, mais miserias, mais dores, mais inapagaveis e indiscriptiveis tintas. E' caso para preguntar donde vêm, como sofrem, de noite, quando o silencio magnetisa a treva e só falam baixinho as dores, os remorsos, os crimes!

Tudo aquilo passa, configurações humanas, caricaturas, sem um grito, uma queixa, resignadas ao sofrimento, pão da vida que estas mulheres comem até á morte.

Mas é preciso descer mais baixo, sofrer mais, mergulhar a vista em mais sangue, observar os corpos das criancinhas, geradas num instante entre dois beijos maus, carnes crucificadas num morbus que não é seu, herdado. A dôr destes pequeninos que não têm voz, apenas instinto, que não têm consciencia, apenas sofrimento, é maior que todas as outras, porque não sabem falar!...

Caritas cianozadas, bracitos como baguetes, finos como *tiges*, bocas alargadas de pustulas onde as linhas ganham rictus duma tragica ironia de palhaços, carnes moles como placentas, olhar incerto—tisica e sifilis, escrofulismo e anemia, tudo, bazar de sangues corrompidos, pequeninos sinos de bronze onde o sofrimento abala as mininges—são fetos, cadaveres trazidos ao colo das mães.

Que condenação as lançou ao mundo? A matriz do amor, que é a matriz da morte.

A inauguração
do «Vidago Palace-Hotel»

Abre no proximo dia 1 de julho o *Vidago Palace-Hotel*, que é o melhor hotel do país, possuindo um magnifico Casino e Salão de Festas. Um dos seus concessionarios é o sr. Francisco Ramalho, fundador da *Garrett*—o que só por si é uma garantia do excelente serviço do mesmo hotel. O mesmo senhor tenciona organisar durante a temporada termal numerosas festas e diversões.

Obras de interesse nacional

Dois representantes do Banco Internacional de Comercio, acompanhados do sr. dr. Gaspar de Lemos, trocaram hoje impressões com o sr. ministro do Comercio sobre o auxilio que porventura aquele estabelecimento possa prestar ao governo na efectivação de obras de interesse nacional.

Malas postais

Pelo «Lima» são ámanhã expedidas malas postais para a Madeira, Açores e Africa Oriental via Madeira, sendo ás 8 horas a ultima tiragem da caixa geral.

POLITEAMA HOJE
MARIANELA
Recita do camaroteiro Bernardino Soares

A inauguração
duma fabrica de cimento

Inaugurou-se ontem em Maccira a fabrica de cimentos pertencente á Empreza de Cimentos de Leiria. Um comboio especial conduziu áquela localidade centenares de pessoas, entre as quais se viam numerosos elementos em destaque nos meios industrial e bancario e muitas senhoras.

A falta de espaço obriga-nos a resumir as nossas impressões. Não podemos, porem, deixar de acentuar que se trata duma iniciativa importantissima, com a qual muito terá a ganhar o nosso país.

A' chegada foi oferecido aos convidados um copo de agua, falando em nome da empreza o sr. Henrique de Araujo Sommer. S. Ex.ª Rev.ma o sr. Bispo de Leiria brindou pela Inteligencia, nos engenheiros, pelo Capital, nos directores e pelo Trabalho, nos operarios. O sr. conselheiro Fernando de Sousa (Nemo), em nome da imprensa, prestou homenagem áquela iniciativa que—diz—é a maior nascida em Portugal nos ultimos tempos. Falaram ainda os srs. drs. Levy Marques da Costa, João Ulrich, Carlos Pereira e Emidio Mendes, Carlos de Oliveira e o presidente da Camara Municipal de Leiria.

Em seguida, o sr. Bispo de Leiria benzeu a Fabrica. E em seguida a algumas significativas palavras, pronunciou o: «Em nome de Deus, Nosso Padre, ande, marche!» E todas as maquinas, como por encanto, começaram a trabalhar. Foi uma cerimonia comovente que terminou por uma salva de palmas, sendo muito saudado o distinto engenheiro sr. Rocha e Melo, construtor da Fabrica.

Os convidados visitaram as diversas instalações, retirando em seguida no comboio especial, muito bem impressionados com a grandeza e a importancia daquela iniciativa.

Ministro do Comercio

Por motivos imprevistos de serviço publico, o sr. ministro do Comercio adiou a sua visita á Universidade de Coimbra, marcada para ámanhã.

O NOSSO TEATRO

GIL VICENTE
REVELADO
EM HESPANHA
pelo poeta Afonso Lopes Vieira

O sr. dr. Afonso Lopes Vieira, que não é apenas um erudito e um literato escrupuloso, mas se nota já no nosso tempo restricto como um português ilustre realisou no domingo passado uma conferencia em Madrid sobre Gil Vicente.

E' um tema predilecto ao espirito saudosista e hecticionalista do renovador do «Amadis de Gaula» e para nós a sua exposição não tem novidade. A circunstancia da conferencia se realisar em Espanha onde a figura de Juan del Encina para muitos é ainda a sugestão viva, a influencia criadora que domina na obra do nosso grande mestre de teatro, animou desta vez a elegante conferencia de um interesse novo. De facto o sr. dr. Lopes Vieira soube pôr as suas opiniões com notavel bri-

Afonso Lopes Vieira

lho documental, não se dispensando de mencionar o critico e historiador da literatura Mendez y Pelayo.

O sr. Lopes Vieira disse, desviando ou interessando de actualidade o seu ponto de vista:

«Adoremos as nossas linguas, tão irmãs e tão castiças no seu ritmo, tão proximas e tão diferentes, como é natural nos povos irmãos e tipicos que rimaram os cancioneiros galaico-portugueses, que criaram o teatro de Camões e de hoje o de Calderon; que se assinalaram no lirismo dulcissimo do amor e no misticismo ardente de Santa Teresa e de S. João da Cruz, que inventaram as novelas do Amadis e do D. Quixote».

Duas frases da conferencia que não queremos deixar de registar:

—«Espanhois e portugueses não são mais do que uma arvore com duas raizes, e devemos caminhar juntos, pois uma alma unica nos anima e um só genio nos impulsiona.»

—«A civilização hispanica é como o tronco comum com duas raizes regionais. Consideremos desde as planicies do centro até os litorais, de onde venho, a clara verdade e a fecunda significação desta imagem. Amemos e nunca nos esqueçamos do tronco comum; amemos e nunca deixemos perder o caracter regional das duas raizes.»

Os jornais espanhois fazem referencias amaveis ao nosso compatriota, publicando-lhe o retrato e salientando o interesse literario e erudito da sua conferencia.

Chalupas francesas que pescam nas nossas aguas

Um numeroso grupo de pescadores de Cascais, acompanhado do sr. Manuel Gomes Vilar, grande proprietario no concelho, foi solicitar energicas providencias do capitão do porto, contra o abuso das chalupas francesas, que vêm pescar lagostas ás nossas aguas, desrespeitando os limites estabelecidos por lei.

BEBAM O VINHO DE MEZA
"CARTAXAS"

ARTIGOS E INFORMAÇÕES — A Cidade — CRONICAS E ENTREVISTAS

UMA CONFERENCIA

OS PECADOS DE HOJE E A PALESTRA

de Elmano da Cunha e Costa

Pecados de hoje. Um titulo sugestivo, titulo cartaz duma conferencia que o sr. dr. Elmano da Cunha e Costa realiza ámanhã a convite do Associação dos Estudantes Beirões na Sociedade de Geografia.

Elmano da Cunha e Costa, advogado brilhante, herdeiro dum belo nome, o melhor discurso do grande causidico Cunha e Costa, vai dizendo os seus pecados.

—A minha conferencia não é lida. Bem sei que é anti-protocolar...

—Será mais interessante...

—Citarei uma anedocta para os meus ouvintes se não assustarem. Em tempos um pintor quiz fazer um retrato dum Papa. Aplicou toda a sua tecnica e toda a sua arte que não era das melhores. Resultado: o retrato ficou de tal maneira que o Papa não se reconheceu... Sabe o que lhe pediu o pintor? Não! Duas palavras sobre a tela.

—E o Papa...

—Pensou, pensou muito e escreveu em belo latim aquelas palavras de Cristo que vêm no evangelho de S. Marcos: *Sou eu, não vos assusteis.*

Cunha e Costa, filho, oratoria vincada de ironia, polvilhada de graça, palavra cadenciada, os mesmos predicados do pai, entra agora propriamente no assunto da entrevista:

—Falarei das forças do espirito e das forças do poder. Estas acirraram-se durante e depois da guerra, mas sem saberem aqueles que as empregam que todas as forças espirituais têm a sua tradição... Ferrero tem um livro muitissimo interessante sobre isto.

—O que são os nossos pecados...

—Tantos! Tantos! Lerei uma pagina do Directorio francês. E' perfeita, concludente; é de nossos dias, traça um maravilhoso quadro da epoca que não morreu porque é de hoje... Isto para que não me acoimem de politico, ouviu?

Aqui um pausa.

—Lerei tambem uma pagina do visconde de Vilarinho de S. Romão sobre os conventos, onde durante seculos residiu toda a nossa força espiritual... Ha tempos foi vendida a peso, 40 réis o quilo, a biblioteca dum couto, Cocujães, cuja fundação datava dos primeiros tempos da monarquia,

«Portugal traiu as suas forças espirituais no dia em que, acabada as descobertas, conquistou, traficou...»

Inteligentemente, Elmano da Cunha e Costa diz:

—Porque se afirma hoje que a America se europeiza e a Europa se americaniza? Porque a Europa, que durante seculos viveu do espirito, — escuso de fazer citações — abandonou-o. Agora está possuida do desejo de forças materiais que a guerra acirrou e é a America, país feito pelas forças do poder, que sente o vacuo do espirito e se vota aos belos actos e ás belas letras.

E finalizou como finaliza a conferencia:

—Quando o duque de Alencastre, acompanhado do Mestre de Aviz passava revista aos soldados da independencia, disse: São tão bravos os portugueses! E' tão belo Portugal... Mas isto foi ha muito tempo... ha muito seculos... Morreram já aquelas palavras.

A tourada dos Padrões de Guerra

São convidados os amadores que tomam parte na corrida de touros que deve realizar-se no dia 17 do proximo mez de junho, a reunir com a comissão organizadora, na séde da Sociedade Hipica, no dia 8 do corrente, pelas 21 horas e meia.

A espera realiza-se no dia 14 de junho, á tarde.

Peçam em toda a parte o vinho
"CARTAXAS"

E IGREJA E O ESTADO

Os catolicos portugueses e o deputado Lino Neto

O sr. dr. Lino Neto tem para nós, que só lhe conhecemos qualidades, um defeito grave: o horror das entrevistas. O tempo que gastámos, esta tarde, a convence-lo, era o que levavamos, em pequenos, a resar todas as orações da cartilha. Só quando lhe frizamos a necessidade que tinham, forçosamente, os catolicos do país, de conhecer a acção da minoria parlamentar catolica, a boca do dr. Lino Neto se iluminou num sorriso de complacencia—que imediatamente aproveitámos, é claro.

—Que pensa o sr. doutor das reivindicações catolicas?

—Penso que são uma necessidade da ordem e paz social no país. E que quem prese os progressos deste, seja credulo ou incredulo, não pode deixar de interessar-se pela sua realização imediata.

—Mas ser-lhe-hão favoraveis as actuais condições politicas?

—Creio que sim. As manifestações em contrario do ultimo congresso democratico, não refletem a parte consciente da maioria parlamentar; e a representação da Associação do Registo Civil, ao Parlamento, no dia 20 de abril ultimo, não passa dum diploma vago, sem objectivos definidos. A ninguem pode impressionar. Os seus sinatarios não chegam a oitocentos.

—E a proposito: os catolicos não se dispõem tambem a fazer as suas representações?

—Sem duvida. Já andam nesse cuidado, por todo o país. A representação dos catolicos de Braga vai já em 30:000 assinaturas. Antes do ultimo dia 20 e depois disso, têm chegado ao Parlamento dezenas de telegramas e oficios de diversas individualidades e colectividades catolicas reclamando que se satisfaçam pelo menos as chamadas reivindicações minimas.

— Que são. .

— As que em todos os países cultos, qualquer que seja o seu regimen, ou religião dominante, se consideram condições fundamentais da liberdade, tais como: o ensino religioso nos estabelecimentos particulares, a associação para fins religiosos, o direito de ter bens para esses fins, a exclusão, como ministros do culto, em igrejas catolicas, de sacerdotes em rebeldia com os seus superiores hirarquicos, etc.

— E o contra projecto relativo á Igreja, que está pendente do Parlamento, dará satisfação a todas essas reivindicações minimas?

— Infelizmente não.

— Então?

— Visa a regularisar apenas alguns artigos da lei da separação da Igreja do Estado.

— A quem se deve esse contra projecto?

— A' comissão de legislação civil da Camara dos Deputados, de que é presidente e relator o sr. dr. Alfredo de Sousa.

— Inspirado em algum projecto anterior?

—Sim. Inspirado, em parte, num outro contra-projecto da comissão dos negocios eclesiasticos da mesma camara de que foi relator o actual ministro da Justiça. Um e outro foram provocados por um projecto apresentado pela minoria catolica.

—Entrará, brevemente, em discussão?

—Todas as indicações são de que sim.

O sr. dr. Lino Neto, que tinha na sua frente, abertos, todos os codigos da sua estante, absorvido, pois, pela meticulosidade caprichosa dalguma questão importante, desejou pôr termo aqui ás suas declarações. Todavia, havia uma pergunta mais a fazer. As entrevistas não se fecham a capricho nosso, mas unicamente como eles querem, dada a logica das ideias e das palavras...

—As forças catolicas tenderão a crescer e a afervorar-se na sua fé?

—Evidentemente. Não só em Portugal, como em todo o mundo. Salvaram a civilisação no Passado. Hão de salva-la em nossos dias. Constituem o unico remedio para a indisciplina geral que tem alastrado por toda a parte...

Se os leitores soubessem—agora que a entrevista achou naturalmente o seu fecho! — o que nos custou arrancar tudo isto ao sr. dr. Lino Neto!

UM MAL ENTENDIDO

ANTONIO FERRO SERÁ O ARAUTO da moderna geração brasileira

Do escritor Antonio Ferro, que há dias chegou do Brasil, recebemos a seguinte carta:

Meu bom Felix Correia.—Muito obrigado pelas suas palavras amigas e leais. Eu considero a lealdade, hoje mais do que nunca, o timbre das grandes almas. Ela é, pelo menos, o meu sinete. Podem esforçar-se os meus cordiais, os meus afectuosos inimigos. Eu responderei sempre com um recital de ingenuidades a todas as perfidias sorridentes, a todas as reticencias gagas que tombarem sôbre mim.

E' essa a minha volúpia e eu não renuncio a ela. A minha viagem ao Brasil ha de ser conhecida em todos seus pormenores. A possivel influencia que a minha acção tenha exercido no desenvolvimento da Arte moderna no Brasil, tem o seu volumoso *dossier*. O conhecimento amplo desse *dossier*, será o meu unico desfôrço.

E vamos agora ao que importa, meu bom amigo. Na sua entrevista, por um explicavel mal entendido, é me atribuido uma afirmação que eu não fiz, que eu não podia fazer. Eu não sei, nem desejo saber, qual é o escritor mais interessante da moderna geração brasileira.

Entre Alvaro Moreyra, Ronald de Carvalho, Guilherme de Almeida, Oswaldo de Andrade, Mario de Andrade, Menotti del Pichia, Olegario Mariano, Onestaldo Pennafort, e tantos outros, não ha uma escala de valores. Para sua gloria e gloria do Brasil, todos eles se nivelam. Em sucessivos artigos, leituras e conferencias, eu irei revelando ao meu país essa geração admiravel que precisa de um arauto em Portugal. E então se verá que é impossivel encontrar, nessa geração vitoriosa, *o mais interessante*, como é impossivel encontrar na vasta constelação dos meus queridos inimigos o mais activo, o mais diligente e o mais util. E agora, meu caro Felix Correia, eu quero agradecer-lhe, mais uma vez, todas as suas amabilidades, amabilidades que muito me sensibilizaram por partirem de você que é, sem duvida, um dos mais belos talentos e um dos mais belos caracteres do moderno jornalismo português.

Amigo e admirador

Antonio Ferro.

Pelos teatros

«O homem da capa preta»

No Avenida sobe hoje á scena uma das mais engraçadas comedias dos ultimos tempos, original dos ilustres escritores humoristicos portuenses, Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, intitulada, sugestivamente, «O homem da capa preta», grande sucesso do Porto, destinada a fazer a mesma larga carreira da comedia «Cama, mesa e roupa lavada», dos mesmos felizes autores. Na comedia «Homem da capa preta» entram todos os principais elementos da companhia Aura Abranches, sendo a distribuição a seguinte:

«Rosa», Aura Abranches; «D. Sabina», Adelina Abranches; «Joaninha», Fernanda de Sousa; «Teresa», Rosa Cadete; «Pedro», Alexandre de Azevedo; «Antonio Pinto», Grijó; «Evaristo», Sacramento; «Leopoldo», Alves da Silva, e «Firmino», José Soares.

A peça tem três actos e a sua ação passa-se na actualidade, no genero comico-policial.

Ruy Coelho

É já depois de ámanhã, domingo, que em matinée, se realiza, no Teatro Politeama o anunciado festival sinfonico em que serão apresentadas, pela primeira vez, ao publico de Lisboa as ultimas composições do maestro-compositor Ruy Coelho, e que no Brasil obtiveram o mais completo sucesso. Ruy Coelho é quem dirige a orquestra que é composta de 80 professores entre os quais se conta grande numero dos que tiveram ocasião de aplaudir Ruy Coelho quando o mês passado, no Porto, acabavam de executar sob a sua direcção, as Rosas de todo o ano *fazendo assim causa comum com o numeroso publico que enchia a sala do Teatro de S. João. Ruy Coelho teve nessas noites a prova incontestavel de quanto á estimado do nosso publico, porquanto a nova opera deu á empresa daquele teatro as maiores receitas da temporada lirica.*

É pois de prever que o concerto de domingo seja mais um triunfo para Ruy Coelho.

Henrique de Albuquerque

Realisa hoje, em S. Carlos, a sua festa artistica, o actor Henrique de Albuquerque, artista dos mais cultos, dos mais inteligentes, incontestavelmente o primeiro actor generico, cheio de talento, de optimas qualidades para o teatro e na vida intima, um excelente camarada, um bom amigo, pai amantissimo e filho exemplar. Com todos estes requisitos a Henrique de Albuquerque não falta publico, reputação e as mais sinceras amizades, pelo que S Carlos ha-de marcar esta noite uma bela enchente. Representa-se a lindissima peça de Wolff, Marionettes, *na qual o festejado interpreta, com todo o brilhantismo, o papel de Nº erolles.*

Versos curiosos

Ontem, no Politeama, nos intervalos do Demi-Monde, *circularam nos corredores os seguintes versos, original de certo de qualquer espectador:*

Mal o rei Tut-Hank Amon
encarou o lord inglês,
preguntou-lhe, mui cortez:
— Como vai, lord? Vai bem?
Desejo que me revele
se esta pregunta o não mate:
Ainda é viva, e como passa
a actriz Cécile Sorel?

Atrás do reposteiro

Reunem ámanhã, pelas 17 horas, no Ateneu Comercial, os artistas dramaticos para se tomarem resoluções ácêrca da solidariedade a prestar á grande actriz Angela Pinto. A reunião efectua-se depois dos ensaios nos teatros para que todos os artistas possam comparecer.

—A recita do actor-societario do Nacional, Augusto de Melo, que estava marcada para hoje, fica transferida para a proxima semana.

—Alcançaram grande exito e optimas receitas, pelas companhias Chaby e Luís Ruas, respectivamente as peças «Cama, Mesa e Roupa lavada» e «O Parlapatão», de Schwalbach, e a revista «A lua nova».

—Desligou-se da companhia Ruas, no Rio de Janeiro, a actriz ulieta Soares, sendo agora a «estrela» da companhia a actriz Lina Demoel.

—Fracassaram completamente as negociações entre os empresarios Antonio Macedo e Ricardo Covões, para a exploração, por conta do primeiro, do Coliseu dos Recreios, durante o verão.

—Carlos Leal, que tem estado doente com «grippe», reaparece brevemente no Eden, na revista «O 31», que se vai «reprisar» para recita da actriz Zulmira Miranda.

—Realiza-se no proximo dia 8, no São Carlos, a festa artistica da actriz Maria Helena que na companhia Palmira Bastos tem marcado um logar de inteligencia. Representa-se a linda comedia de Wolff, «Marionettes», havendo um acto de variedades interpretado pelos nossos melhores artistas.

—Realiza-se ámanhã, no Coliseu dos Recreios, a ultima representação da magnifica opera «Barbeiro de Sevilha», em que tomam parte os celebres artistas Elvira de Hidalgo, que faz a sua despedida, e Enrico de Franceschi. Hoje vai á scena, em primeira representação, a admiravel opera «Fausto».

— Luiz Mendes camaroteiro do Teatro S. Luiz realisa a sua recita na proxima segunda feira 7 com a ultima representação da celebre opereta «A Leiteira d'Entre Arroyos.

Empregue na sua toilette

O

CRÈME SIMON

PARIS.

A qualidade dos seus elementos conserva á pele a sua frescura, a sua finura e o seu brilho. O seu perfume é delicado. 60 anos de sucesso.

PO de Arroz e SABONETE

AO HERPETOL

Devo o aveludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para **uso externo** provoca um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o padecente vê em via de cura todos os casos de **eczema humido e seco, crostas duras, espinhas e erupções.**

A comichão desapareceu como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

E' o medicamento por excelencia para todas as molestias de pele, entre elas **eczemas, crostas, chagas, acnó, erupções, espinhas, manchas, sarna, ardencia na pele e as causadas por mordeduras de insectos.** Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos depositos: em Lisboa, rua da Prata, 237. No Porto, rua Passos Manuel, 65.

Não comprem bombons, chocolates, cacaus e drops sem provarem os da

S. I. C.

Rua 24 de Julho, 48

Telefone, C. 651

CONFORTAVEIS

ESTOFADOS PELO SISTEMA INGLEZ

EXECUTAM-SE TODOS OS MODELOS

CASTANHEIRO FREIRE L.a

Praça Luiz Camões, 37

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO. 140

A ACTIVA

RAMO INDUSTRIAL

Secção de Construções Civis

Construções de edificios para qualquer fim, ampliações, reedificações e reparações.

Estruturas, vigamentos e construções metalicas.

Trabalhos em cimento armado e hidraulico.

Construções industriais, como: Fabricas, Hangars e Barracões.

Frentes e interiores artisticos para estabelecimentos.

Vivendas, chalets e predios de rendimento.

Casas á antiga portuguesa.

Trabalhos de carpinteiro, marceneiro, serralheiro, canteiro, estucador, pintor, etc.

Levantamentos topograficos, projectos e orçamentos.

Maquinismos movidos a electricidade

R. 24 de Julho, 8--LISBOA

Telefones: C. 1601 e C. 3474

Telegramas: Activa

MARCA REGISTADA

JEM

ALCOBAÇA

Vinho puro de mesa tinto e branco

Provar este vinho é preferi-lo aos outros

CONCESSIONARIOS:

SOCIEDADE PORTUGUESA DE COMERCIO, L.da

RUA VITOR CORDON, 11

Telefone 1692-C.

AVESTA

TRADEMARK REGISTERED AVESTA

A GRANDE MARCA ALLEMA

A lamina mais cortante e a que maior numero de barbas dá.

A' venda nas boas casas da especialidade.

Representantes exclusivos:

Schroeter & C.a

RUA DE S. JULIAO, 5, S|LOJA

Tel. C. 552--LISBOA

ISIDORO DELGADO-LIMITADA

Para os devidos efeitos se anuncia que, por escritura de 6 do corrente, outorgada perante o notario abaixo assinado, foi constituida uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

1.º

Esta sociedade adopta, para todos os seus actos e contratos a firma Isidoro Delgado-Limitada, e fica tendo a sua séde em Lisboa e o seu domicilio actualmente na rua dos Sapateiros, n.º 28.

2.º

O seu objecto é o exercicio de todo e qualquer ramo de comercio ou industria, com excepção do bancario, e especialmente o de construção e reparação de aparelhos e maquinas electricas.

3.º

A sua duração é por tempo indeterminado, contando-se o seu começo, para todos os efeitos, desde 1 de março do corrente ano.

4.º

O capital social é de 35.000$00, está integralmente realisado, e corresponde á soma das quotas dos socios, como se segue:

Isidoro Delgado.....	10.000$00
Mariano Ferreira Marques.....	25.000$00

5.º

O socio que pretender ceder a estranho a sua quota, quer no todo, quer em parte, deverá oferecê-la previamente, em carta registada, á sociedade e aos outros socios, a fim de poderem usar, aquela em 1.º lugar e estes em 2.º, do direito, que lhes fica reservado, de a adquirir;

§ 1.º — No caso do presente artigo, tanto a sociedade como os socios terão o direito de haver a quota ou parte dela pelo valor que lhe é atribuido pela presente escritura, acrescido da quota parte na reserva legal e nos lucros não distribuidos que proporcionalmente lhe couberem;

§ 2.º — Se, não usando a sociedade do direito a que se refere este artigo, mais de um socio quizer a quota, será a mesma dividida proporcionalmente ao valor das quotas dos socios que a pretendam;

§ 3.º — Por excepção, o socio Mariano Ferreira Marques, fica desde já autorizado a ceder, quando e a quem entender, uma parte da sua quota, que não poderá ir alem de 15 mil escudos.

6.º

No caso de morte de qualquer dos socios, a sociedade procederá á amortização da respectiva quota, prestando aos seus herdeiros a importancia que corresponder a essa quota segundo o ultimo balanço aprovado.

§ 1.º—Este pagamento será feito no praso de 2 anos a contar da data do obito, em prestações trimestrais e iguais, sendo vencivel a 1.ª prestação 3 meses após o dia do fallecimento e vencendo as quantias em divida o juro anual de 6 0|0;

§ 2.º—Semelhantemente se procederá no caso de interdição de qualquer socio.

7.º

A administração dos negocios sociais e a representação da sociedade em juizo e fora dele, activa e passivamente, serão exercidas por qualquer dos actuais socios, que ficam desde já nomeados gerentes, com dispensa de caução; mas, para efeitos de ordem interna e de regularidade nos serviços da sociedade, as respectivas funções serão divididas pelos socios, em assembleia geral, de que se lavrará acta nos termos legais;

§ 1.º—Para que a sociedade fique obrigada, basta que com a firma social assine qualquer dos socios. A estes é expressamente prohibido empregar a firma em fianças, abonações, letras de favor, e, em geral, em quaisquer actos ou documentos que importem responsabilidades para a sociedade, sem correlativo lucro ou compensação comercial; e o transgressor pagará, como pena convencional, uma importancia igual ao dobro do valor da responsabilidade que tenha tomado, ainda que á sociedade não chegue a ser exigido o seu cumprimento;

§ 2.º — A remuneração dos gerentes será fixada pela assembleia geral;

§ 3.º—A sociedade poderá conferir a sua gerencia, no todo ou em parte, a individuos estranhos.

8.º

A gerencia por estranhos será caucionada sómente quando assim o resolva a sociedade em assembleia geral dos socios.

9.º

O ano social começará em um de Julho de cada ano civil e terminará em 30 de Junho do ano seguinte.

10.º

Os ganhos, liquidos de todas as despesas e encargos, terão a seguinte aplicação:

1.º—5 % para fundo de reserva legal, emquanto este não estiver realisado ou sempre que fôr preciso reintegra-lo;

2.º—O restante para dividendo aos socios e demais aplicações que a Assembleia geral resolver.

11.º

Em 30 de Junho de cada ano, a começar em 1924, será elaborado um balanço geral da sociedade, o qual será submetido á apreciação dos socios, em assembleia geral ordinaria, até o dia 30 de Setembro do mesmo ano.

12.º

Os socios deverão reunir-se para prestação de contas e exame dos livros da escrita social, de 3 em 3 mezes, a partir do dia 31 de Julho do corrente ano.

13.º

A convocação das assembleias gerais será feita por meio de cartas registadas, expedidas com a antecedencia de 5 dias, pelo menos, residindo todos os socios no continente da Republica, e de quinze dias, no caso de residencia acidental ou permanente de qualquer dos socios fora do continente. Ficam ressalvados os casos em que a lei exigir, para a convocação, outras formalidades.

14.º

As deliberações sociais constarão sempre de acta lançada no respectivo livro.

15.º

Para todas as questões emergentes deste pacto social entre os socios, seus herdeiros ou representantes, e entre a sociedade e essas entidades, fica estipulado o fôro da comarca de Lisboa, com expressa renuncia de qualquer outro.

16.º

Em todo o omisso regularão as disposições da lei de 11 de Abril de 1901 e mais legislação aplicavel.

Lisboa, 27 de Abril de 1923.

O notario,

Antonio Tavares de Carvalho

Pastelaria Versailles

Avenida da Republica --- Tel. 3219-N

A mais chic e mais bem montada de Lisboa

Além do optimo serviço de chá e café tem um esmerado serviço para casamentos.

DFS

Instalações electricas

Orçamentos gratis

MATERIAL ELECTRICO

Grande stock de lampadas

PHILIPS-ARGA

Se quem vende mais barato

Preços especiais aos revendedores

Telefone C. 5430 Telegrafo DIFONSO DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR L.da

Rua dos Fanqueiros, 122 — LISBOA

Fabrica de

Ladrilhos

Mosaicos

Azulejos

Cimentos

GOARMON & C.A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

Telefone n.º 1244

LISBOA

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

DE LONDRES

A oferta

dos alemães e a imprensa britanica

LONDRES, 4

O sr. Baldwin que dirige os trabalhos durante a ausencia do primeiro ministro declarou que tendo a nota alemã sido entregue ha muito pouco tempo, o governo não estava ainda habilitado a referir-se a ela. Os jornais ingleses têm uma linguagem aspera contra a Alemanha dizendo que é fantastico que a Alemanha ofereça a todos os aliados metade daquilo que a Inglaterra tem que pagar á America, acrescentando que a Inglaterra nunca foi partidaria da politica de vingança ou de humilhações mas que é preciso que a Alemanha não se furte ás suas suas obrigações. Se fizer propostas serias a opinião publica inglesa apoia-la-ha, mas a proposta actual é inacmissivel — (R.).

A nota

não pode servir de base para estudos

LONDRES, 4

Os jornais declaram que a nota alemã sobre a questão das reparações não poderá servir de base para negociações mas pode servir de ponto de partida para elas. Espera-se conseguir que a França não recuse absolutamente as propostas alemãs e espera-se tambem conseguir um acordo ácêrca duma nota comum dos aliados que tomaria em conta o ponto de vista francês e que representaria portanto uma recusa formal das propostas alemãs mas deixando caminho aberto para futuras negociações — (R.).

O que diz

a imprensa belga

LONDRES, 4

A «Etoile Belge» diz que os circulos oficiais desapontados com a nota alemã estão cada vez mais firmemente ligados ao governo francês para a redacção da replica conjunta — (R.).

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

A Sociedade das Nações

é uma maquina internacional

e não é, por emquanto, mais nada...

Lembram-se os nossos leitores duma assembleia internacional chamada a Sociedade das Nações, fundada em 1918 com fins pacifistas, que até agora produziu algumas desenas de banquetes, algumas centenas de discursos e alguns milhares de desilusões?

Devem lembrar-se; porque, não obstante a tal Sociedade das Nações não ter dado mais nada de positivo senão essa batelada de reuniões, mais ou menos palavrosas, mais ou menos gastronomicas, andou muito falada nos jornais de todo o mundo. Foi, até, uma invenção do sr. Wilson, o presidente norte-americano, aquele que teve um dia a pretenção de pacificar as gentes por intermedio da celebrada confraria.

Pois, vamos dar-lhes uma novidade. A Sociedade das Nações ainda não acabou. Existe, transformada, embora, em club de pacatos, para gaudio, uma vez por outra, dos discursadores sem emprego.

Como não podem fazer a paz universal, os seus adeptos reduziram-se a matar o tempo com a balistica da eloquencia.

Ha dias houve lá uma noitada interessante, que até meteu uma conferencia humoristica do sr. Hymans e outra semi-seria do sr. Barthou.

O sr. Hymans e o sr. Barthou fizeram-se mutuamente o elogio, depois do que passaram a explicar, um ao outro — poucos mais lá estavam — os principios e os fins da famosa instituição.

Pelos modos, não se chegou a conclusão alguma, pela impossibilidade de se arranjar maneira de compreender para que serve aquilo.

O sr. Higmans, muito aflicto, poz-se a perguntar a si mesmo o que vinha a ser a confraria:

—E' uma maquina inglesa? E' uma maquina anglo-saxonia? E' uma maquina francêsa?

Quando ia para responder ás perguntas feitas, ele e o sr. Barthou e os continuos **que fingiam de assistencia, desataram a rir á gargalhada.**

O orador, que é creatura de recursos, decidiu então, fazendo de sofisma a defesa da bicuda situação, que a Sociedade é, realmente, uma maquina, e que a maquina é de todos os povos porque é internacional. Fez, a seguir, varias frases de efeito acêrca da cordealidade e da amizade das nações; e, acabados os discursos, os dois estadistas abraçaram-se, comovidos, e contentissimos da descoberta que haviam feito.

—Oh! Barthou: Você ainda não tinha percebido que a maquina era internacional?

—Oh! Higmans: palavra que ainda me está custando a acreditar! Uma destas... E a gente que nunca havia dado por isto...

Bem. E agora? — perguntarão os leitores. Vamos então fazer a paz universal?

Isso... veremos. Mas a coisa, d'esta feita, deve estar para breve. O dificil era descobrir que aquilo era internacional; devendo, mesmo, ter sido por isso que, até hoje, os povos desavindos não se têm chegado ás boas.

Lá para d'aqui a cinco anos averigua-se que a maquina, alem de ser maquina e ser internacional, é tambem de fabrico americano; e depois, pacifica-se o mundo vendendo Sociedades de Nações, em tamanho reduzido, e a preços convidativos para poderem ser adquiridas pelos chefes de familia.

Assim uma especie de maquina portatil da fazer pazes á mão ou com pedal.

Muito se deve ter rido aquele sr. Wilson da irmandade que fundou para comemorar o advento do armisticio.

DE MADRID

Relações comerciais entre Portugal e Espanha

MADRID, 4

Carlos Ibañez de Ibero publica na «Correspondencia de Espanha» um artigo sôbre as relações comerciais espano-portuguesas, dizendo que estando as negociações bem encaminhadas era conveniente ouvir a opinião dos espanhois residentes em Portugal e, por isso, tinha entrevistado o sr. Rugeroni, presidente do Centro Espanhol e vice-presidente da nossa Camara do Comercio naquela capital, pedindo-lhe que nos désse a sua opinião ácêrca daquele assunto. Este senhor disse-nos que a situação não era nada lisongeira, devido, sobretudo, a que não julgamos oportuno que desaparecesse o coeficiente da moeda, que se aplica aos direitos alfandegarios, que devia ter desaparecido porque a industria portuguesa não tomou tal desenvolvimento que possa prejudicar a nossa. A industria portuguesa não produz o suficiente para abastecer os seus proprios mercados, sendo necessario recorrer á importação de bastantes generos. Tempos houve em que a Espanha era a terceira nação a quem Portugal mais comprava, mas hoje não se encontram artigos espanhois naquele país. Se se negociasse um bom tratado de comercio entre os dois países, estou convencido que com os produtos e materias primas que existem na Peninsula poderiamos passar a ser países exportadores.

As nossas colonias

possuem abundantes produtos

As medidas que os portugueses reclamam em minha opinião com absoluta razão são: primeiro, que se suprima o coficiente da moeda; segundo que se solucione a eterna questão da pesca; terceiro que se aplique aos seus generos coloniais os mesmos direitos alfandegarios que aos das outras nações respeitando claro está. os produtos da nossa colonia de Fernando Pó. Os portugueses têm garantida a venda dos seus cafés de Angola e Cabo Verde, os seus cacaus de S. Tomé e Principe, os seus azeites de palma, na Inglaterra, Holanda e America, não se podendo compreender que a alfandega aplique a tarifa minima aos produtos da Metropole e os maximos ao produtos coloniais.

As colonias portuguesas possuem em abundancia produtos que nos podem servir desde o algodão até aos diamantes sendo preferivel que a Espanha compre esses generos em Portugal do que em qualquer outro país.

Espanha

vai ajudar financeiramente Portugal?

Porque não hão-de entrar os governos em franco entendimento para proteger os seus monopolios naturais, como a cortiça, as conservas, as frutas, as salinas, as quedas do Douro, etc., etc.? Devemos falar a Portugal sem rodeios, ajudando-o financeiramente se ele assim o desejar. Devemos demonstrar á Nação visinha que somos seus verdadeiros amigos, animados por um caloroso sentimento de fraternidade de raça e o convencimento de mutua necessidade de estabelecer um acordo. Mas se não soubermos ou não podermos realisar essa aproximação para que tantas agitações liricas da opinião publica e falar constantemente de fraternidade luso-espanhola? E' preciso entrar em realisações imediatas ou confessar a nossa mutua impotencia. O sr. Ibañez Ebero concorda com as opiniões do sr. Rugeroni acrescentando contudo estar convencido que a campanha que neste momento se inicia dará resultados proficuos. — (R.)

Contra factos não ha argumentos

O Deposito da Covilhã é o que mais barato vende excelentes fazendas de lã para fatos, sobretudos e vestidos.

1:000 peças de diferentes tecidos de lã para retalhar, e vender directamente **das nossas fabricas ao publico.**

AVISO IMPORTANTE—Para melhor atenderem a sua numerosa clientela, resolveram abrir na proxima segunda-feira uma **filial do Deposito da Covilhã** na **Rua do Ouro, 206-208, 1.º** (LOJA DA AMERICA, esquina da Rua da Assunção).

Mandam amostras ao domicilio. — Têm alfaiate. — Telefone 2:806.

Séde—Rocio, 93, 2.º andar
(ELEVADOR GRATIS)

MAQUINAS DE ESCREVER

NOVAS e usadas. Reparações e reconstrucções garantidas. Accessorios. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

"VASPAEL"
GRANDE LICOR DE SOBREMEZA
DEPOSITO GERAL
70, 2.º— RUA AUGUSTA —70, 2.º
TELEF. C. 1196

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74. RUA DO CARMO. 74

A Concorrente
de A. Mendonça Perdigão
Reparações garantidas em maquinas de escrever
Vende e compra sempre aos melhores preços, maquinas em segunda mão. Fazem-se copias á maquina.
Calçada do Carmo, 3, 3.º E. — Telef. N. 4076

GRANDE REDUÇAO
nos preços de venda de baterias de acumuladores
TUDOR
PARA AUTOMOVEIS
Para os FORNECIMENTOS DE VERÃO 1923
Os novos preços anulam os das anteriores listas
Baterias «BOSCH»
a preços reduzidissimos
CONSULTE A
Sociedade Portuguesa do Acumulador Tudor
R. do Alecrim, 99—LISBOA
H. MENDES CORREIA, L.DA
Rua Santa Catarina, 367 — PORTO

COMPRA E VENDA DE TITULOS
Nacionais e Estrangeiros
Execuções de ordens de Bolsa
Cobrança de juros e devidendos
PANCADA, MORAES & C.ª
RUA AUGUSTA, 37 (esquina da R. de S. Julião)

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO. 74

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

O 19 DE OUTUBRO

OS DEBATES PRINCIPIAM

na proxima quinta-feira

O presidente declara reaberta a vigessima segunda audiencia ás 12,30 horas. Faltam dez testemunhas á chamada.

O 2.º sargento Luís Santos declara ter visto o sargento Heitor, no governo civil, na noite de 19 de outubro, das 22 para as 23 horas.

O presidente do juri:

—Viu lá o sargento Heitor?

—Sim, senhor.

O sr. José do Vale, jornalista, afirma que o Acacio esteve na redação do *Mundo* ás 3,15 horas, de 19, a saber do que se tinha passado de noite.

O sr. dr. Nordeste, defensor do arguido:—Sendo assim, não podia ter tomado parte na escolta que foi prender o coronel sr. Vasconcelos.

O promotor:—Conhece ha muito o reu?

—Ha algum tempo.

—Donde proveio esse conhecimento?

—Dum centro republicano.

O presidente do juri:—Quando o senhor lhe deu conhecimento das mortes o Acacio fez-lhe alguma objeção?

—Eu estava preocupado com os serviços da redacção. Não dei atenção ao que se passava.

—Só reparou que ele esteve lá ás 3 horas...

—Sim, senhor.

—O tenente da G. N. R. Duarte Pereira, declara que conhece o Acacio, desde 1912 como um bom homem e um dedicado chefe de familia.

Antonio Pais Gomes Junior, oficial do exercito, diz que conhece há muito o sargento Heitor e julga-o incapaz de cometer os crimes de que é acusado. O arguido é um homem valente, mas muito leal.

O tenente sr. Antonio Silva diz que conhece o Heitor desde a proclamação da Republica e sabe que ele gosa da maior simpatia eatre os seus superiores.

O guarda marinha Campos de Araujo nada sabe do que se passou no governo civil com o sargento Heitor. Ouviu falar em qualquer coisa, mas não se recorda, pois nem sequer conhece o arguido.

O promotor:—Saiu alguma força do governo civil para o Rossio?

—Não sei. Quem comandava uma força de marinha era o sr. Antero Ferreira.

O dr. Caetano Pereira:—Não ouviu fazer qualquer descrição ácerca da pistola?

—Não senhor. Se soubesse alguma coisa, dizia.

O 2.º sargento José de Albuquerque, declara ter visto todas as vezes que entrou e saiu do Arsenal com patrulhas, o sargento Matias.

O presidente do juri:—Esteve no Arsenal sob o comando de quem?

—Do tenente sr. Almeida.

—Quem dava instruções?

—O tenente sr. João Luís Santos.

—Ah! Já sei... Era um movimento de chefes maquinistas e as patrulhas eram todas de sargentos condutores de maquinas...

O sr. Carlos Reis, guarda de policia do Arsenal, diz que, quando Freitas da Silva, estava estendido no chão, saiu o sargento Matias.

O promotor:—A testemunha nos autos diz o contrario...

A testemunha, atalha imediatamente:—Não sei se ele saia ou entrava.

O presidente do juri:—Esteve de serviço no Arsenal, no dia 19 de Outubro?

—Estive.

—Não viu sair o automovel do sr. ministro da Marinha?

—Não me lembro. Entraram e sairam tantos automoveis nesse dia...

—Viu o sargento Matias armado?

—Não vi.

Os debates devem principiar na proxima quinta feira.

MIGUEL CRESPO e FREIRE FALCÃO
ADVOGADOS
Telefone 4335 C—R. Arco Bandeira, 139, 2.º, D.

A POLITICA DO DIA

CUNHA LEAL ABANDONA O PARTIDO NACIONALISTA?

As negociações do sr. Sá Cardoso para a solução do "gachis" parlamentar

O incidente que provocou a renuncia do sr. Cunha Leal, na sua qualidade de *leader* interino do partido nacionalista, e a imediata suspensão dos trabalhos parlamentares continua a ser muito falado nos meios politicos. Apesar de muitos deputados terem aproveitado estas ferias inesperadas, que na opinião de alguns *pais da patria* cairam do ceu aos trambulhões, tendo saido de Lisboa no primeiro comboio, ainda ha quem se preocupe com a marcha dos acontecimentos politicos, procurando dar-lhe uma solução compativel com a dignidade e o minguado prestigio do Parlamento.

Não se supunha a principio que os lamentaveis acontecimentos que se vinham produzindo na Camara dos Deputados, que alguns parlamentares de sangue mais exaltado transformaram em escola de educação fisica, tendo chegado a esboçar-se conflitos pessoais e trocando-s apartes tão violentos que tambem se podem chamar insultos, não se supunha que o duelo entre a maioria e as minorias oferecesse um aspecto de tanta gravidade.

Para muita gente foi uma surpresa, como foi surpresa a renuncia inesperada do deputado sr. Cunha Leal.

E aí temos agora o sr. Sá Cardoso dentro do seu elegante *frack*, com uma nota primaveril na botoeira, a realizar negociações sobre negociações a fim de chegar a uma solução honrosa para ambas partes

O ilustre presidente da Camara dos Deputados, incansavel no seu papel de medianeiro, ainda hoje não conseguiu, até á hora em que escrevemos, levar a bom termo as suas *démarches*, tendo-se avistado com varios politicos para esse fim.

Parece que só depois da reunião do directorio e do grupo parlamentar nacionalista, se encontrará uma plataforma, isto é, uma ponte de passagem do caminho democratico para o caminho nacionalista, sem que os transeuntes corram o perigo de se estatelar na *Terra de Ninguem*.

* * *

A atitude do sr. Cunha Leal tem sido muito comentada pelos proprios nacionalistas.

Há quem afirme, não sabemos com que fundamento, que aquele ilustre parlamentar não voltará á Camara.

Apesar da atitude de solidariedade que os seus partidarios devem manter para com ele, por uma questão de decôro, e que se depreende da entrevista que o sr. dr. Alvaro de Castro concedeu ontem ao *Diario de Lisboa*, parece que a situação do sr. Cunha Leal dentro do partido nacionalista não oferece a estabilidade que muita gente supõe.

A' falta de informações oficiosas sôbre o assunto, que nos são sistematicamente negadas, talvez pela pouca consideração que os politicos têm pela imprensa, apesar de lhe chamarem constantemente nos seus rasgos de eloquencia *alavanca do progresso, arbitro da opinião publica* e outras designações lico-dôces que já vêm desde o tempo do nosso avô Aristoteles, fazemo-nos éco de um boato que correu hoje com insistencia e que dava o sr. Cunha Leal prestes a abandonar o partido nacionalista.

Ha, dentro daquele agrupamento politico, quem não veja com bons olhos o seu feitio demolidor, que alguns dos seus correligionarios afirmam que se tem traduzido apenas em elementos de discordia prejudicial á unidade que o partido deve manter a todo o transe. Outros são de opinião contraria e consideram o sr. Cunha Leal um elemento de alto valor em qualquer grupo politico.

Seja como fôr, o incidente vai tomando um aspecto que ameaça a propria unidade do partido nacionalista.

* * *

Ha no seio daquele organismo politico duas correntes bem definidas, que defendem pontos de vista contrarios quanto á politica de oposição que o partido deve seguir. Uns querem uma oposição clara, definida, insofismavel. Outros transigem até certo ponto com o governo.

Essa divergencia esboçar-se-ha quando fôr tratada na Camara a questão de Moçambique.

Vem a proposito dizer que não era ao primeiro ministro da União, general Smuts, que o Alto Comissario de Moçambique se dirigiu para as negociações do convenio, mas sim ao proprio duque de Connaught, que até há pouco tempo desempenhou as funções de Alto Comissario da União, respondendo-lhe este por intermedio do representante da Inglaterra em Lisboa.

Esta revelação, que saiu ontem um pouco alterada na entrevista que o sr. dr. Alvaro de Castro concedeu a um redactor do *Diario de Lisboa*, causou sensação nos meios politicos e coloniais.

Incidente liquidado

O *Diario de Lisboa* não publica relatos das sessões nocturnas da Camara. Só por essa circunstancia não referiu que o incidente levantado entre os srs. Agatão Lança e Francisco Cruz fôra solucionado na sessão nocturna de quarta-feira, em face das explicações dadas pelo sr. dr. Francisco Cruz, em resposta ás preguntas que, por intermedio do sr. presidente, lhe dirigiu o sr. Agatão Lança. O sr. dr. Francisco Cruz, falando com a sinceridade e desassombro que o caracterizam, poz ponto no incidente. Registando este facto, mostramos uma vez mais ao sr. Agatão Lança que nas colunas do *Diario do Lisboa* se não dá guarida a qualquer sectarismo condenavel; antes se procura sempre relatar com imparcialidade e justiça os factos que chegam ao nosso conhecimento.

Entero colite crónica—Seu tratamento
ESTORIL-TERMAS

O naufragio do 'Mossamedes'

Foi recebido esta tarde no ministerio das Colonias um telegrama contendo os nomes de todos os passageiros e tripulantes das 4 balieiras salvas, do vapor *Mossamedes*.

Conservatorio Nacional de Musica

Realiza-se ámanhã, sabado, ás 16 horas, a 3.ª audição de alunos no Conservatorio Nacional de Musica. Os bilhetes podem ser pedidos na secretaria, das 13 ás 16 horas.

ATLAS O MELHOR CALÇADO
Deposito da fabrica
RUA DO OURO, 198

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

REBATE FALSO...

O MERCURIO APREENDIDO

a dois moços de fretes

Ha algumas noites foi apreendida a dois moços de fretes, na Praça dos Restauradores, grande quantidade de mercurio.

Interrogados sôbre a sua procedencia, os moços declararam que um individuo desconhecido os encarregara de transportar o precioso liquido para as Escadinhas de S. Luis.

Farejando crime, os agentes apreensores, resolveram ir com eles até ao local indicado. Ninguem apareceu, porém, ou, se apareceu, desconfiou e foi-se embora.

Resolveram, em vista disso, os agentes carregar com o liquido e os moços para o Governo Civil. Estes, porém, persistiram no seu mutismo—e o misterio continuava.

De que se trataria? E como os ouvidos andavam afeitos ao ruido das explosões, logo se aventou que se tratava de fabricação de bombas.

Afinal, o caso esclareceu-se, em sentido contrario, segundo nos comunica o nosso informador do Governo Civil:

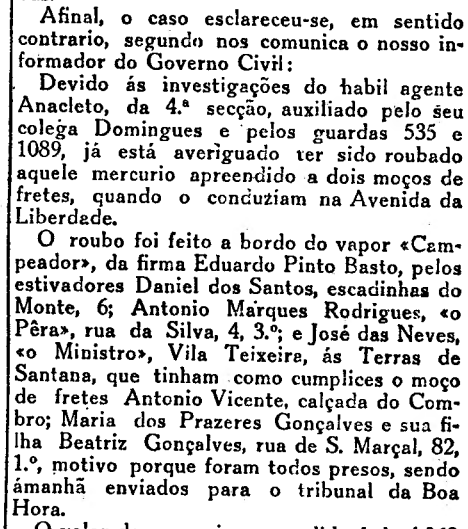
Devido ás investigações do habil agente Anacleto, da 4.ª secção, auxiliado pelo seu colega Domingues e pelos guardas 535 e 1089, já está averiguado ter sido roubado aquele mercurio apreendido a dois moços de fretes, quando o conduziam na Avenida da Liberdade.

O roubo foi feito a bordo do vapor «Campeador», da firma Eduardo Pinto Basto, pelos estivadores Daniel dos Santos, escadinhas do Monte, 6; Antonio Marques Rodrigues, «o Pêra», rua da Silva, 4, 3.º; e José das Neves, «o Ministro», Vila Teixeira, ás Terras de Santana, que tinham como cumplices o moço de fretes Antonio Vicente, calçada do Combro; Maria dos Prazeres Gonçalves e sua filha Beatriz Gonçalves, rua de S. Marçal, 82, 1.º, motivo porque foram todos presos, sendo ámanhã enviados para o tribunal da Boa Hora.

O valor do mercurio apreendido é de 4:068 escudos e não de 600 contos, como a principio se noticiou.

As investigações continuam, visto os agentes acima mencionados terem conhecimento de que a bordo do «Campeador» se têm praticado outros furtos.

Doenças da boca e dos maxilares
Extracção de dentes e raizes com anestesia — Dentes artificiais
Em consulta especial para as classes menos abastadas e a preços de policlinica ás 10 horas no
Consultorio do Dr. Ferreira Pires
R. Jardim do Regedor, 51, 1.º



O DIARIO DE LISBOA vende-se em todos os quiosques e tabacarias.